

CONSIDERAÇÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE UM CARNAVAL ANGLO-CARIBENHO

IARA GOMES DE BULHÕES

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ENDEREÇO ELETRÔNICO: iarabul@gmail.com

RESUMO: CONSIDERAÇÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE UM CARNAVAL ANGLO-CARIBENHO

Este artigo apresenta e analisa alguns dos significados do carnaval de Notting Hill, realizado na cosmopolita Londres, capital inglesa. Um ritual que acontece em uma sociedade urbano-industrial complexa, marcada pela diversidade e constituída por diferentes grupos sociais e étnicos. O carnaval, que tem como marca de seu estabelecimento um drama social, traz em seu bojo a co-presença de diversos grupos étnicos e pessoas de distintas nacionalidades. O *Notting Hill Carnival* se revela uma situação e conjuntura privilegiada para se observar e analisar processos sociais onde se encontram a (re)construção, a manutenção, a manipulação de aspectos que se tornaram distintivos de determinados grupos e a afirmação das chamadas identidades étnicas, que ali aparecem enfatizadas – a recorrência a traços culturais e a sinais diacríticos destacam diferenças e peculiaridades. A presença expressiva de “grupos caribenhos”, que desfilam representando “identidades culturais” daquelas ilhas, faz dele uma espécie de “carnaval étnico”. Este estudo busca oferecer algumas pistas para a melhor compreensão de como ocorrem, no ambiente da metrópole inglesa, as relações entre os diferentes grupos sociais. A partir de contextos etnográficos, como o de Notting Hill, pode-se perguntar o que leva determinados grupos a estabelecerem distinções marcantes entre si, escolhendo e afirmando ostensivamente tais distinções por meio de sinais diacríticos. De que modo símbolos e referências nacionais são construídos e exibidos, manipulados e re-significados, no confronto e território de outras nações? O investimento e a expressividade de símbolos culturais no contexto de Notting Hill visam a quais fins específicos? O estudo evidencia essas indagações (mais do que estabelece conclusões) com a intenção de que ajudem a melhor compreender sentimentos, pensamentos e idéias, implicadas na ação e na performance ritual. Indagações surgidas no exercício etnográfico que continuam sendo pensadas e elaboradas.

Palavras-Chave: Etnicidade, Notting Hill, Ritual.

CONSIDERAÇÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE UM CARNAVAL ANGLO-CARIBENHO ¹

Introdução

As observações apresentadas neste artigo se atêm a um carnaval majoritariamente de estilo caribenho. Realizado em Londres desde os finais dos anos 50, atualmente agrega diferentes “grupos étnicos”, que se articulam e relacionam naquela metrópole. O olhar, que se volta ao passado, pretende assinalar a importância de se levar em conta os processos históricos que abarcam tal situação, considerando a complexidade que a abrange e ressaltando a necessidade de análises sutis e bem fundadas.

Entre o século XV e o século XIX, países como a Inglaterra organizaram grandes viagens e invasões, assim “colonizaram” inúmeros outros territórios ao longo do mundo. Impuseram-se, saquearam, pilharam, dominaram política e economicamente, desestruturaram e reestruturaram, a partir da interação com as populações locais, as sociedades nas quais se inseriam. Os diversos adventos coloniais europeus fomentaram a coexistência de grupos sociais dos mais diferenciados, entre colonizadores, trabalhadores livres, contingentes populacionais locais e grupos e indivíduos escravizados.

Os nativos das Américas foram segregados, caçados, agregados, escravizados, re-combinados, imbricados, de formas variadas, (mormente) aos europeus e africanos. Novos tipos de relações sociais, trocas, disputas, conflitos e sociabilidades se apresentaram nas sociedades receptoras. Floresceram linguagens, línguas, grupos sociais, códigos de conduta, produtos do encontro e do confronto entre os diversos “outros” num mesmo território.

No período pós-colonial seria inescapável que os países europeus se vissem obrigados a lidarem com as consequências de suas invasões e apoderamentos. Entre os desdobramentos desses longos processos históricos figuram os fluxos migratórios, mais ou menos intensos, que partem de diferentes (ex) colônias em direção às metrópoles.

Governos e grupos metropolitanos procuraram, mais cedo ou mais tarde e de diferentes maneiras, controlar e regular a entrada e o estabelecimento dos grupos considerados estrangeiros em seus territórios e sociedades. No processo de influência mútua dos grupos imigrantes e locais,

¹Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

nas conjunturas das grandes cidades, ambos aprenderam (até certo ponto e de certa forma), mesmo que forçadamente e quando não tiveram escolha, a lidarem uns com outros - em relação às formalidades legais, e também no que concerne aos contatos empíricos travados nas relações e situações quotidianas.

Novamente, antes nas colônias e dessa vez nas metrópoles, sucederam formas de sociabilidades e reciprocidades, complementaridade e antagonismos. Desde então (ou desde sempre?) as relações sociais entre os ingleses e os estrangeiros, bem como a relação do governo Inglês frente à imigração e aos (grupos) imigrantes segue se modificando.

Devemos levar em conta que nenhuma cultura ou grupo social se transpõe ou é transposto de forma idêntica, do seu local de “origem”, para um novo local de existência. Nesse sentido, tanto as condições de transposição, quanto as de adaptação (físicas ou humanas) restringem e balizam as possibilidades de atualização desses materiais. Os grupos e indivíduos emigrados das ilhas do caribe, ao se dirigirem para a Europa, e mais especificamente para a Inglaterra, tiveram que lidar com representações simbólicas e códigos de conduta forjados desde os períodos coloniais.

O carnaval observado revela, na atualidade, o saldo (não estanque) das interações, fricções, conflitos, arranjos, entre os diferentes grupos implicados nas colonizações. Situações geradas à época da expansão européia são percebidas na atualidade, e o ritual estudado explicita, em sua forma performática e observável, o desdobrar de tais processos em uma brilhante roupagem contemporânea.

Drama Social na Londres dos 50's

Diferenças Culturais: Traços e Sinais Enfatizados no Carnaval

O carnaval de Notting Hill é composto (e gerenciado) principalmente por uma primeira geração de emigrantes de antigas colônias inglesas na região do Caribe, por seus descendentes de segunda e terceira geração e ainda por imigrantes de épocas posteriores. Esses grupos foram levados à Inglaterra, ou estimulados a para lá se deslocarem por volta dos anos cinquenta, após a Segunda Guerra Mundial. Mão-de-obra para ocupar cargos como funcionários de meios de transporte, dos correios, da construção civil e principalmente ocupações não especializadas, mesmo se no contexto anterior (nas ilhas) os trabalhadores fossem considerados especializados.

Ao chegarem à nova pátria, enfrentaram a resistência de alguns grupos sociais locais, os quais se opunham a que lá se estabelecessem, não obstante estarem amparados pela *Commonwealth*, considerados, portanto, ingleses. Uma série de conflitos tiveram como um dos

palcos principais Notting Hill e foi seguida por diversos acontecimentos, entre estes a formação de associações étnicas. Algumas das quais estavam presentes e organizaram o primeiro carnaval caribenho, *caribbean carnival*, desde 1959 ou 1965, se considerado, respectivamente, o início nos festivais organizados pela *West Indian Gazette*, *WIG*, ou se considerado o início o carnaval nas ruas. Um acontecimento marcante, que desde o início vem conquistando crescente atenção, mantendo-se até os dias atuais, em todos os meses de agosto, na forma do Carnaval de Notting Hill.

No final do século XIX, a área de Notting Hill, próxima ao centro da cidade, passou a receber maior contingente populacional, majoritariamente imigrantes da Irlanda e trabalhadores ingleses da área têxtil. Por volta dos anos 50 era uma região que compreendia cortiços, *slums*, casas degradadas e intensamente povoadas, vielas e ocasionalmente esgoto a céu-aberto. Havia ali uma população transitória, vinda da Polônia, da Europa Oriental e da Ásia e parte dos habitantes era composta pelos imigrantes do Caribe².

Os proprietários ou senhorios, *landlord* e *landladies* dessas casas muitas vezes discriminavam certas categorias de pessoas e não os aceitavam em suas habitações, eventualmente fixavam os dizeres: “*No coloureds, no dogs, Irish not required*”. Essas pessoas passaram, pois a instalarem-se compulsoriamente nas áreas mais pobres da cidade, num tempo em que não havia leis contra discriminações raciais na Inglaterra. Proprietários e senhorios exploravam seus inquilinos e muitas vezes os expulsavam de suas moradias.

Atualmente a área de Notting Hill comporta cerca de 150.000 habitantes, de diversos segmentos sociais e étnicos, sendo conhecida por sua diversidade. Talhada por duas das maiores ruas comerciais da cidade, abriga também o mercado de antiguidades e inúmeros objetos na *Portobello Road*. Recebe numerosos londrinos, turistas e curiosos, que visitam as lojas, as barracas do mercado aberto (feira livre), os restaurantes, os *pubs* e as casas noturnas da região.

No início do verão de 1958, em meio a problemas de desemprego, com uma classe trabalhadora empobrecida e prejudicada e ainda sob influências do fascismo, os ingleses – chamados ou auto-intitulados *Englishman* ou *Briton* - conviviam, nas ruas, com seus vizinhos caribenhos. Por volta de julho começaram a aparecer, nas cercanias de Notting Hill, pichações de cunho fascista. As agressões seguiram um ritmo crescente até se traduzirem em violências físicas e morte.

²*London Psychogeography* (1998); La Rose (2004); Cohen (1993); *Encyclopaedia Britannica* (1977).

A primeira geração de imigrantes caribenhos e as pessoas negras que habitavam a área sofreram ataques racistas de grande violência. Os *race riots*, geralmente foram organizados e iniciados por jovens e trabalhadores brancos. Os ataques contavam pichações, ofensas verbais e a utilização de armas, como garrafas, tijolos, facas, navalhas, correntes, pernas de mesa, barras de ferro e coquetéis *molotov*. No início esporádicos e inesperados, tornaram-se mais constantes, violentos e em maior escala.

As agressões tiveram início por volta de julho de 1958, período que atualmente abriga o período carnavalesco. Naquele agosto gangues conhecidas e formadas principalmente por *Teddy Boys*, começaram a atacar casas ocupadas por negros e também pessoas nas ruas. Os agressores estavam armados e declaravam o início de uma “caçada aos negros”, *nigger hunting*, que moravam em Notting Hill e Notting Dale.

Em janeiro de 1959, integrantes da *West Indian Gazette*, o maior jornal “negro” editado na Inglaterra no período pós-guerra - que possibilitou o início do desenvolvimento e expansão de uma literatura *black british*³-, fundado por Cláudia Jones⁴, organizou o primeiro carnaval caribenho de Londres. Com o princípio: “A arte do povo é a gênese de sua liberdade”, o *St. Pancras town hall* abrigou, naquela tarde, o encontro entre diversos caribenhos, seus amigos, companheiros e familiares, ali cantaram calipsos, dançaram, fizeram e comeram comidas habituais das ilhas. Os locais utilizados para a realização desses encontros, onde eram utilizadas linguagens peculiares, canções populares, ritmos característicos, constituíram locais privilegiados para o incremento das adaptações das tradições culturais das ilhas ao contexto inglês.

Na análise de Anderson (2006), a imprensa escrita - ao evocar elementos comuns ou familiares aos seus integrantes, remetendo a lugares e a questões sociais relevantes ou sedutoras -, proveria a confirmação da solidez daquela comunidade imaginada, um espaço de abordagem de assuntos comuns, que ajudaria na formação da idéia e sentimento de uma comunidade (caribenha), que os situava e abrigava.

³ Como ressalta Pinto, em relação ao desenvolvimento de uma literatura curda e da utilização das *zawiyas* como espaços privilegiados para a “adaptação das tradições religiosas do Islã aos contextos culturais e sociais das comunidades de fala curda” (2005, p. 34).

⁴ Natural de Trinidad, Claudia Jones foi para os Estados Unidos ainda criança, lá se tornou comunista e organizadora política, foi exilada do Harlen para Londres em 1955. Na Inglaterra, procurou encontrar grupos de imigrantes caribenhos, que divididos pelas lealdades às ilhas de origem, tinham como pano de fundo a “unidade da identidade racial”. Estigmatizados por parte dos ingleses eram reconhecidos como um grupo único e indiferenciado: *west indians*. Em março de 1958 lança a *West Indian Gazette* (WIG), no intuito de dar coesão aos imigrantes, a partir de suas experiências com o racismo.

A integração de diferentes populações leva também à integração de aspectos de seus universos simbólicos. A convergência a uma mesma referência (seja ela a nação, a etnia, ou a associação), leva tais pessoas a se tornarem mais semelhantes em termos de representações e práticas sociais. Passam a refletir mais e a objetivar seus estilos de vida como uma cultura ou uma tradição, se tornando um povo, no sentido de terem tanto um senso abstrato de comunidade, quanto uma história compartilhada. Se identidades, grupos étnicos e histórias são “criadas”, o são sob determinadas circunstâncias históricas (ERIKSEN, 1993).

Devemos recordar, como ressaltam Mintz e Price (2003), em relação aos africanos chegados às colônias do “Novo Mundo”, que também os caribenhos não eram homogêneos em relação à nacionalidade, grupos lingüísticos, crenças, hábitos, culturas, códigos morais. A heterogeneidade apenas se conformou em semelhanças, em relação a alguns aspectos sociais, ao longo do tempo. E seriam justamente tais semelhanças, principalmente forjadas em solo estrangeiro, que os levariam a serem considerados e principalmente a considerarem-se (ainda que eventualmente), um *grupo*. Tais indivíduos compartilhavam de saída o fato de serem “caribenhos”, o que conferia a eles um “lugar”, seja ele qual fosse, naquela sociedade. A pressão exercida pelo *establishment* inglês (e não apenas por determinados grupos), limitou e influenciou fortemente a maneira pela qual continuidades em relação às sociedades e culturas “originais” das ilhas e inovações fossem possíveis.

O estudo de Barth (1995), aponta que também na Noruega, indivíduos portadores de uma mesma nacionalidade se agrupam como semelhantes por conta dessa especificidade: serem paquistaneses. A experiência comum a todos, apesar das diferenças existentes entre eles, é o fato de serem diferentes dos demais noruegueses e convergirem a uma “comunidade paquistanesa”, que serve como refúgio, solidifica a rede de solidariedade entre eles e ajuda a construir uma auto-imagem mais positiva. Barth considera que, sob tais circunstâncias, forma-se o mito central da etnicidade (o *non sequitur*⁵), que induz o “nós” - ao compartilhar inúmeras diferenças em si próprio, “nós” minoritário, em contraposição ao “eles” dominante -, a “aceitar”, ou acreditar, que possui semelhanças entre si. Semelhanças estas que estabelecem uma cultura compartilhada e oposta à “deles”.

Nos movimentos étnicos, (como no Carnaval), e no nacionalismo, aparecem mecanismos de manutenção de fronteiras. Estão presentes em ambos os usos da história, que criam a impressão de continuidade. A industrialização gerou uma grande mobilidade geográfica e um

⁵ *Non sequitur*: “inferência que não deriva das premissas; falácia”. Conforme esclarece Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, para melhor evidenciar o problema.

vasto número de pessoas se tornou participante de um mesmo sistema econômico e posteriormente político. Sob tais condições tornou-se necessário estabelecer ideologias capazes de criar coesão e lealdade entre indivíduos e grupos (mais ou menos fechados), que participavam de sistemas sociais tão amplos. Se a noção de nacionalismo parece oferecer segurança e estabilidade em momentos de fragmentação social (ERIKSEN, 1993), essa também parece ter sido a intenção dos fundadores das primeiras associações étnicas, para onde convergiam os imigrantes negros: dar a eles um senso de comunidade, estabilidade e pertencimento, no contexto inglês.

No caso londrino, podemos observar a formação de um grupo, diferenciado internamente, que reúne pessoas que têm em comum o fato serem oriundas de uma mesma área geográfica. Os caribenhos das diversas ilhas não são, na Inglaterra, enquadrados às suas nacionalidades, mas sim a uma categoria geral *como se*. O pertencimento a este espaço imaginário que compreende, abriga, situa e eventualmente estigmatiza ou estereotipa os diferentes nacionais, incentiva o compartilharem de determinados elementos simbólicos, que podem configurar sinais diacríticos, utilizados e matizados de acordo com as situações.

Max Weber há muito apontava para o fato de que tanto as migrações pacíficas, quanto as guerreiras, ao colocarem em contato diferentes povos (ou “raças”) possibilitarem a geração de fronteiras nítidas (rigorosas) entre eles. As semelhanças e as oposições surgidas em relação a hábitos e costumes, sejam aspectos hereditários ou tradicionais, estão submetidas desde o princípio e ao longo de todo o processo histórico à ação das mesmas condições que atuam sobre a vida de toda a comunidade e são também iguais em relação a seus efeitos comunizantes em ambos os casos.

Para Weber a crença em um parentesco de origem, seja ela fundada ou não, pode ter conseqüências importantes, especialmente para a formação da comunidade política. O autor utiliza a categorização “grupos étnicos” para grupos humanos que, fundando-se na crença do habito exterior e dos costumes, ou de ambos, ou em lembranças de colonização e migração, abrigam uma crença subjetiva em uma procedência comum, de tal maneira que a crença é importante para a ampliação das comunidades. A coletividade “étnica” nada mais é do que uma “coletividade” ou grupo “acreditado” (“subjetivo” - o que na argumentação de Anderson (2005) aparece como “comunidades imaginadas”), e não uma “comunidade” que apresente efetivamente ações comunitárias. O grupo étnico não é em si mesmo uma comunidade, é um “momento” facilitador do processo de comunicação. Atua fomentando-os nos mais diferentes tipos de

comunicação, sobretudo na política. Por outro lado, a comunidade política pode despertar a crença na origem racial, mesmo em seus membros mais heterogêneos.

Barth (2005) considera que os grupos étnicos são uma forma de organização social. Uma auto-atribuição e uma atribuição pelos outros, que tem como fundamento, uma “identidade básica” geral, entendida como algo que gira em torno de sua origem e conformação. Quando a finalidade é a interação, os indivíduos utilizam identidades étnicas para consegui-la, categorizam a si mesmos e aos outros, formando os grupos étnicos. As características a serem levadas em conta em relação à definição dos grupos são justamente aquelas que seus integrantes consideram significativas. As pessoas buscam e exibem sinais e signos diacríticos a fim de manifestarem suas identidades, em geral por meio de vestimentas, da língua, do estilo de vida.

Itens culturais são selecionados e utilizados como marcas distintivas das identidades étnicas, a variação cultural é manipulada e serve como base dos diferentes grupos como fenômeno social. A construção do pertencimento a um grupo étnico é realizada sem fazer referência a real diversidade cultural. Eriksen explica que as identidades étnicas são cunhadas a partir de seleções situacionais e imperativos impostos de fora, uma inter-relação entre escolhas e constrangimentos impostos aos atores. O caráter das identidades é relativo e situacional, resultante da complexa relação entre variações culturais e formações de grupos étnicos. Diferenças culturais e processos de manutenção de fronteiras advêm de aspectos da organização social e não de “diferenças culturais objetivas” (1993).

O estabelecimento, no passado, de categorias que perduram até hoje, como *west indians*, foi imposto a tais grupos. No ambiente social londrino, foram colocados sob esta mesma categoria e assim classificados. Passaram a ter interesses políticos compartilhados e a realizarem atividades com objetivos comuns, também em virtude do tratamento que receberam. Um elemento presente na construção de tal identidade foi a utilização, eventual, da classificação genérica pelos integrantes do grupo, sem deixarem de lado a lealdades às suas categorias de “origem” (trinidadenses, barbadianos, jamaicanos, etc), que aparecem em Londres, mas principalmente ao retornarem às ilhas, por eles tratadas como *home*.

Eriksen afirma que a utilização da categoria *west Indian* vem sendo aplicada há décadas aos imigrantes das diversas ilhas do Caribe, mesmo que seu background cultural seja diferente. Sob essa perspectiva, são considerados, mas não necessariamente consideram-se membros de um mesmo grupo étnico. Eventualmente, tal categoria atributiva britânica pode tornar-se parte de sua própria identidade, o que os levaria a considerarem a si próprios como *west Indians*, ainda que tal classificação não seja relevante em seus países de origem (1993).

Eriksen adota o termo “anomalias étnicas”, partindo da proposição de Mary Douglas, para se referir aos grupos, categorias ou indivíduos aos quais considera difícil atribuir determinada identidade étnica. Pode aparecer algo como “nem isso, nem aquilo” (“*neither-nor*”), ou “ambos, e” (“*both-and*”), dependendo da situação. De acordo com essa perspectiva, segundas e terceiras gerações de imigrantes, na Europa, podem constituir um ótimo exemplo do que considera categorias étnicas “anômalas”: filhos, netos e bisnetos de imigrantes podem considerar-se, e serem considerados por outros, como integrantes do mesmo grupo étnico que seus pais; podem julgar-se, em adição, bem “adaptados” à cultura majoritária. Muitos são bilíngües e têm inúmeras vezes, dupla cidadania, enfrentando situações de conflito entre lealdades aos diferentes grupos - minorias permanentes (1993). Indivíduos que podem, eventualmente, ser “localizados” socialmente como categorias “*betwixt and between*”. O pertencimento a determinado grupo pode ser situacional, pode ser atribuído pelo grupo dominante ou o grupo pode estabelecer uma categoria étnica separada. Além disso, o critério de pertencimento a grupos não-étnicos é situacionalmente relevante em qualquer sociedade e nas sociedades modernas complexas eles proliferam e podem ser identificados com múltiplas identidades. Formas diferentes de lealdades e pertencimento a grupos podem ser congruentes com o pertencimento étnico, ou podem cruzá-lo.

Em geral as pessoas não se identificam exclusivamente a partir de sua nacionalidade. As pessoas são um pouco disso e um pouco daquilo. As identidades sociais são negociáveis, fluidas, situacionais, analógicas ou graduais e segmentarias, porém esta elasticidade não é infinita. Todas as categorizações acerca de determinados grupos, para ter sentido, são feitas em relação aos outros.

A categoria étnica, conhecida como “*black British*”, abrange pessoas que não são africanas nem caribenhas, embora seus ancestrais o fossem. Essas pessoas não têm outro país senão a Grã-Bretanha, não possuem outra língua vernácula a não ser aquela classificada pelos lingüistas como “*black British English*”; freqüentam os mesmos clubes e associações informais, e muitas vezes compartilham um senso comum de solidariedade, fato que leva Eriksen a considerá-las, portanto, como uma categoria étnica.

A formação de novas categorias étnicas ocorre ou com a extensão das identificações existentes; ou com a redução do grupo, presumindo-se uma ancestralidade compartilhada. Ambas delineiam suas identidades a partir de uma invariável reinterpretação do passado. Descortina-se o importante caráter de as identidades étnicas serem “construídas”: invenções sociais. Apesar de hierarquias sociais poderem ser justificadas a partir de ideologias étnicas, o pertencimento (étnico) não estabelece por si só o nível hierárquico que o indivíduo ocupa; a etnicidade será

acrescida de gênero, classe, idade e outros critérios para que se possa definir a posição da pessoa naquela sociedade. Apesar de haver uma alta relação entre pertencimento a classe social e a identidade étnica em algumas sociedades poliétnicas, como é o caso de imigrantes não europeus em sociedades industriais européias, onde geralmente ocupam postos de trabalho em posições hierárquicas mais baixas, as hierarquias sociais se referem a diferentes categorizações e se articulam diversamente em diferentes sociedades (ERIKSEN, 1993).

Continuando sua análise, o autor sugere que a perspectiva de Barth, relativa à auto-atribuição mutuamente exclusiva de categorias étnicas, seja ligeiramente modificada, apontando para a questão de as atribuições empreendidas pelos “outros” também poderem contribuir na criação de identidades étnicas, como no caso de indivíduos serem “obrigados” a aceitarem determinada identidade étnica, mesmo que preferissem não o fazer.

Ao contrário do que se supôs na antropologia (o eventual desaparecimento de categorias étnicas, ou da própria questão da etnicidade), Eriksen assinala que o fato de muitas sociedades estarem submetidas a amplos e rápidos processos de mudança social acabou por criar novas formas de etnicidade, muitas vezes mais poderosas, claras e articuladas.

A festividade organizada pela *West Indian Gazzete*, o *caribbean carnival* de 1959, aparece como centelha inicial e ponto de agregação de indivíduos que daria vez a um processo de estabelecimento e afirmação de marcas, símbolos e traços culturais peculiares e principalmente robusteceria um novo grupo social, uma comunidade imaginada nascente que reforçaria e reforça a utilização de tais símbolos e traços culturais como elementos distintivos dos grupos implicados, e ao mesmo tempo como objetos e elementos passíveis de implicarem na sua valorização.

O estudo acerca das relações sociais no Cinturão de Cobre realizado por Clyde Mitchell é esclarecedor, pois indica que, em casos como o descrito, a categoria “nós” pode ser expandida ou contraída de acordo com as circunstâncias. Max Gluckman (1958) enfatiza a questão, pois cada indivíduo pode possuir identidades e status diversos, acionados a partir de situações empíricas, quando e como as identidades étnicas se tornam relevantes. As categorias sociais, de certa forma e até certo ponto, podem ser manipuladas pelos próprios indivíduos. Destarte a etnicidade é um aspecto relevante para a vida social em contextos onde ela “faz a diferença”.

Para Victor Turner (1980), os rituais, as linhas de conduta dos atores nos eventos observáveis, assim como os cenários e seus estilos de desempenho cultural, são influenciados por características já firmadas das estruturas sociais de determinadas sociedades. Os *dramas sociais* são elementos que se apresentam de forma espontânea nos processos sociais, estão presentes na vida de qualquer sociedade humana e na vida de qualquer pessoa.

Os mecanismos acionados a fim de restabelecer certa ordem variarão de acordo com a profundidade, o significado, a abrangência social da crise, e por outro lado a natureza e a autonomia do grupo social nela implicado. Segundo ele, os líderes dos grupos atingidos pelas rupturas disporiam de “mecanismos adaptativos e reformadores, informais e formais”, que seriam postos em funcionamento em contraposição à crise. Entre esses mecanismos adaptativos ou afirmadores estaria o desempenho de rituais públicos.

Se “a maquinaria tradicional de conciliação e coerção pode mostrar-se inadequada para lidar com novos tipos de assuntos e problemas e com novos papéis e estatutos. E, naturalmente, a reconciliação pode ter sido alcançada apenas na aparência, com conflitos reais encobertos, mas não resolvidos”, o estabelecimento do carnaval de Notting Hill - que sucede à série tumultos e de violências contra os negros -, cada vez mais o firma como um ritual daquela sociedade (inglesa) e garante, num certo sentido, a conquista de um espaço de representação social do grupo de origem caribenha.

Os dramas sociais, conforme proposto por Turner (1980), continuam a existir mesmo nas sociedades complexas, apesar de os modos de atribuição de significados dados a eles poderem multiplicar-se, “o drama permanece até o fim, simples e inextinguível, como um fato da experiência social de todos e um nódulo significativo no ciclo de desenvolvimento de todos e quaisquer grupos que aspiram à continuidade”, continuidade marcada pela dinâmica que envolve e é produzida pelos atores e grupos, posicionados conforme as situações.

O ritual observado marca processos históricos nos quais os diversos grupos, que daquela sociedade fazem parte, estão inseridos. Rituais desse tipo revelam, definem e acentuam fronteiras sociais, exaltando as relações entre os atores a partir de sua carga afetiva. Oferecem, portanto, uma perspectiva e leitura privilegiada acerca das relações sociais ali travadas, pois “a compreensão do conflito como dimensão positiva do processo de elaboração, reprodução e representação dessas identidades é incontornável” (VOGEL, MELLO, BARROS, 2001).

A ocupação massiva de um espaço público, a presença sonora de potentes decibéis, os múltiplos estilos musicais, as variadas melodias, a performance executada pelos mascarados, a abundância de sensações olfativas, a inversão de normas usualmente praticadas na vida quotidiana, expressam um desafio⁶. A maneira pela qual caminham, dominando as ruas, sua expressão corporal, o desejo explícito de chamar atenções e olhares, a imposição visual, tátil, sonora e olfativa, a presença sensível de diferentes estímulos ao paladar, lembram e ressaltam o

⁶ Vogel, Mello e Barros, 2001.

confronto entre as diversas identidades sociais. O carnaval londrino explicita e marca ordens sociais construídas ao longo dos séculos.

A co-presença de muitos imigrantes faz de Londres uma capital marcada por um cosmopolitismo exuberante, que coloca frente a frente diferentes grupos sociais. Sob o manto da convergência e da hospitalidade, revela-se, em momentos como esse, a existência de conflitos latentes. Podemos, de certo modo, ler esse ritual como a romaria, onde “revela-se de modo brusco, e desconcertante, o avesso desse idílio de acolhimento e convergência. A romaria reabre, pois, uma das mais profundas feridas simbólicas da nossa sociedade” (brasileira), e também da londrina, “marca de seus inícios e estigma de sua formação. De um só golpe esse rito singulariza uma identidade problemática (‘estrangeiros de dentro’) e define os limites de suas relações com a identidade social dominante” (VOGEL, MELLO, BARROS, 2001). A situação londrina, por sua vez, é igualmente marcada por encontros e misturas, diálogos, confrontos e conflitos. No carnaval estão presentes e representados ‘ingleses do caribe’ e seus descendentes, verdadeiros “estrangeiros de dentro”, marcados pela sua ancestralidade. Na Inglaterra, instrumentos, danças, estilos musicais e dramáticos, sentimentos e valores, formas de expressão e percepção se transformam e são afirmados (no contexto mundial) como símbolos de “culturas nacionais”. Símbolos trabalhados e manipulados ao longo do tempo e de acordo com as circunstâncias e as conjunturas nas quais se inseriram.

Na ritualização, como ressalta Turner (1980) as fronteiras tendem a ser exacerbadamente marcadas, revelando seu caráter de permanência. De forma explícita, todos os anos as fronteiras são simbolicamente ratificadas e assim se reafirmam oposições entre os grupos. Uma dualidade é colocada em evidência, mesmo que em outras situações os atores interajam intergrupos, durante o carnaval eles se destacam. Durante o carnaval diferenças são colocadas em evidência e os grupos minoritários ressaltam (positivamente) suas “diferenças” e “especificidades”.

Mesmo havendo mudanças nas relações e na organização social carnavalesca, os grupos seguem reconhecidos como étnicos, distintos e com fronteiras mais ou menos flexíveis e matizadas, que os distinguem e separam de acordo com as situações. Fronteiras étnicas são antes sociais e não necessariamente territoriais, e são mantidas a despeito dos fluxos contínuos de informações, interações, trocas e inclusive pessoas, que as atravessam (ERIKSEN, 1993).

Ambientes sociais, em constante mudança, assinalam o fato de as sociedades reais existirem no tempo e no espaço. Todas são processos no tempo, e as mudanças resultantes desses processos podem ser coerentes com a continuidade da ordem formal existente, ou podem fomentar mudanças que efetivamente reflitam mudanças nas estruturas sociais formais. Sistemas

sociais em geral não são estáveis, a cultura⁷ parece ser o produto de um acidente histórico e fornece a “roupagem” das diversas situações sociais. Diversidades culturais são expressas por meio de ações rituais que fazem referência a sinais como vestimentas e língua para sinalizarem tais diferenças. Os elementos que compõe o ritual aparecem como conjuntos delimitados de símbolos. A manutenção das diferenças culturais e a insistência nessas diferenças podem fazer que as ações rituais sejam expressivas no que diz respeito às relações entre grupos de culturas diferentes (LEACH, 1996).

No contexto citadino o objeto identitário se tornou um recurso político (e possivelmente também econômico) de afirmação de um grupo (ou rede) em uma sociedade moderna. Este carnaval teria se transformado na “expressão cultural de uma nova declaração de identidade” (HALL). Os *steel pans* e as fantasias, trazidas do carnaval de Trinidad, se tornariam grandes “emblemas identitários” do carnaval de Notting Hill. Os contextos aparecem como “base e precondição” (MINTZ e PRICE, 1992), das trocas simbólicas, e é aí que as identidades, que poderiam ser esquecidas ao longo do tempo, não deixam jamais de modificar e “trabalhar” profundamente a cultura dos lugares em questão.

Naquela sociedade, ser ‘*west indian*’ é representar simbolicamente e ser reconhecido socialmente por meio de uma série de aspectos e de sinais diacríticos peculiares. A dança, a música e as fantasias utilizadas no momento da expressão dramatizada representam empiricamente aquela “comunidade imaginada”, que de maneira efêmera emerge com vultuosidade.

Considerações Finais

O Carnaval de Notting Hill aparece como um meio, fundamentalmente utilizado pelos imigrantes das diversas ilhas do Caribe, de afirmação das chamadas identidades étnicas, de resistência e de exigência da permanência e aceitação do grupo naquela sociedade. Lugar social – temporal e espacial - que funcionou, (e funciona), como força centrípeta. As identidades relativas aos imigrantes insulanos foram forjadas e “disciplinadas dentro dos discursos, práticas rituais e relações de poder que estruturam” (PINTO, 2005, p. 35) a sociedade inglesa. Identidades

⁷Leach (1993) utiliza a definição de Firth (1951, p. 27), onde: os conceitos de cultura e sociedade são absolutamente distintos. “Se se considera a sociedade como um agregado de relações sociais, então a cultura é o conteúdo dessas relações. A sociedade encarece o componente humano, o agregado de pessoas e as relações entre elas. A cultura enfatiza o componente dos recursos acumulados, tanto imaterial quanto material, que as pessoas herdaram, empregam, transmitem, aumentam, transmitem”.

construídas que revelam – mesmo havendo mobilidade social –, a persistência dos vínculos étnicos.

Dentro de um mesmo espaço social, os anseios de ambos os grupos não constituem, necessariamente, projetos políticos excludentes, “na realidade, existem várias arenas sociais e políticas nas quais eles estão articulados nos discursos e nas práticas dos agentes”. Parafraseando o autor, “as formas” rituais empregadas pelos ‘grupos caribenhos’, “são mais do que simples projetos políticos em competição por recursos e poder” uma vez que em Londres, “criam arenas discursivas e práticas para a afirmação pública das várias instâncias de significado e ação que procuram delimitar fronteiras no universo plural das identidades” étnicas, presentes naquela sociedade (PINTO, 2005).

A valorização da “origem” africano-caribenha reafirmada no contexto anglico levou e tem levado (mormente) os negros, caribenhos e seus descendentes a se identificarem com a cultura, sinais diacríticos, traços culturais e expressões rituais proclamadas na metrópole inglesa. Portanto é fundamental ressaltar o caráter de construção cultural desse Carnaval, contemporâneo, mutável e que reflete e traduz a diversidade e a especificidade das sociedades humanas.